

OS SUCESSORES

Sandra Russo

OS SUCESSORES

VOLUME V

Edição do autor

São Paulo, 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

R969s Russo, Sandra Regina dos Santos

Os Sucessores: volume V / Sandra Regina dos Santos Russo. - São Caetano do Sul, SP : Sandra Regina dos Santos Russo, 2020.
306 p. ; 14cm x 21cm. - (v.V)

Inclui índice.

ISBN: 978-65-00-04669-4

1. Literatura brasileira. 2. Romance. I. Título.

2020-1220

CDD 869.89923

CDU 821.134.3(81)-31

Elaborado por Wagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Romance 869.89923
2. Literatura brasileira : Romance 821.134.3(81)-31

Dedico este livro ao ator Rubens de Falco (in memorium).

*Agradeço a Mércia Barusso por ter lido todo o manuscrito,
comentários e valiosas sugestões.*

Agradeço à Maria de Lourdes Vechia, minha professora de português.

Ao amigo Cláudio Feldman pelo incentivo.

*Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas,
fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.*

NO CAPÍTULO ANTERIOR

Régis Correa pede uma audiência com o bispo Venâncio na tentativa de elucidar as circunstâncias da morte de seu pai.

Em Genebra ele conhece Leila Pinheiro e através dela descobre que o diretor da Petra pode estar envolvido no caso.

Gerd renuncia à diretoria da construtora.

Jardel declara Dreyfus preparado para sucedê-lo na organização.

Rogatto é transferido para São Gabriel da Cachoeira após o incidente na adutora.

Jardel se hospeda em Interlaken durante o Festival do Unspunnen.

SUMÁRIO

| | |
|----------------|-----|
| INCUSO | 11 |
| TRILHA | 37 |
| NÉVOA..... | 73 |
| SILÊNCIO..... | 113 |
| SEMEADURA..... | 152 |
| COLHEITA..... | 189 |
| PROCURA | 231 |
| VESTÍGIO..... | 267 |

INCUSO

Moacir chega cedo à delegacia de São Gabriel da Cachoeira. As rachaduras na parede lembram os rios da região e seus afluentes.

O amarelo fosco e o cheiro de umidade embrulham a cabeça do delegado.

É tarefa demasiadamente difícil decidir que investigação deva ter a prioridade neste dia abafado e bolorento.

Melhor iniciar o expediente com uma xícara grande de café com leite.

Segue-se uma sensação de bem-estar.

Moacir estica o braço e alcança o jornal.

“O Estado de São Paulo”, edição de domingo, chegou de avião nesta segunda. Destaca o festival do Unspunnen.

Entre as curiosidades, um brasileiro que levou um prêmio no arremesso de granito. A foto de Dalcídio no momento em que se lança a pedra de oitenta quilos ilustra a matéria.

Moacir não resiste. Telefona para o colega.

De sua sala no sétimo andar, Rogatto observa o costumeiro engarrafamento numa via expressa da capital paulista.

A vedação não é perfeita.

Um ou outro eco de buzina ecoa no ambiente.

– Bom dia Rogatto. Feliz por ter se livrado de mim? – pergunta em tom de brincadeira.

– De você não, mas do calor daí, sim.

– Já leu a seção de turismo?

Rogatto suspira com desgosto – Claro!

– Como que o precavido Dr. Jardel permite que o seu guarda-costas pose de garoto-propaganda? Ele deve usar no mínimo camisa número nove!

– Ele chupa ovos crus como um gambá – lembra com asco.

– Então aí está o segredo de tantos músculos.

– Mas o segredo do chefe dele não se decifra nem com mágica – lamenta Rogatto.

– Não tinha nada na bagagem?

– Somente roupas de grife e chocolate.

– Com certeza algo passou despercebido.

•

No décimo quinto andar da construtora as secretárias experimentam os chocolates que ganharam dos chefes.

– Amargo, não é? – afirma Zulma.

CAPÍTULO I - INCUSO

- Tem um sabor diferente, meio mineral – define Magda.
- Crocante – opina Gaby, lambuzando os dedos. E derrete fácil.
- É porque o ar condicionado está com defeito – esclarece Fátima.
- Estão reparando – avisa Enzo pegando um dos chocolates. O chefe tá aí?
- Aproveita que ele tá um doce – frisa Ivone.
- A noite com a Letícia deve ter sido um arraso – aposta Magda. Mas mesmo de bom humor prefiro manter distância.
- Diga para o Jardel que eu cheguei, por favor? – pede Enzo.
- Você terá de aguardar porque ele está trancafiado com o Deigles e o Dreyfus faz tempo e eu não sou louca de interromper.

•

Jardel traça um terno Versace azul-escuro.

De sua confortável cadeira giratória tem uma ampla visão da Marginal Pinheiros. Os carros parecem miniaturas motorizadas.

– Essas são notícias excelentes Deigles! Agora temos de tomar cuidado para que a chave norte não volte a ser uma faca de dois gumes – frisa com o dedo indicador em riste movimentando a mão direita.

– Com o Jow lá as coisas entram nos eixos.

– Assim espero. E na Bahia?

– Sucesso total – garante Dreyfus.

Jardel reprova a gravata florida.

– Que gravata é essa? Tá parecendo um vaso!

– É uma Leonard! – justifica Dreyfus.

– Não condiz. Pensarão que veio diretamente de um ensaio de escola de samba.

– Não exagera Jardel – fala Deigles tomando a defesa do filho.

– Pink ainda por cima. Não tinha uma cor mais discreta?

A linha particular de Jardel toca. Ele atende.

– Meu filho, da próxima vez use uma Dior como esta, navy, discretíssima – ironiza Deigles mostrando-lhe a sua.

– Tenho uma reserva com o Pato Donald e o Mickey.

Jardel olha de soslaio para ele.

– Oi amor? Claro! Almoçamos juntos. Também te amo!

Jardel recoloca o telefone na base.

– O que estão olhando?

– Esse seu lado romântico sempre me espanta – debocha Deigles. Sabe o que ele trouxe de presente para a Letícia, Dreyfus?

Dreyfus permanece na expectativa.

– Um Miró!

•

O quadro desembarca no terminal de cargas e é levado para inspeção.

Desfeito o cuidadoso embrulho Rogatto tem que aguardar os especialistas colherem as impressões digitais sem danificá-lo.

A liberação da obra é um verdadeiro calvário para Herculano, apesar de comprovar diversas vezes o pagamento dos impostos devidos.

Finalmente, nesta tarde, o Miró passa a fazer parte da mobília da sala.

Letícia acompanha a instalação.

Jardel está abraçado a ela, sorrindo.

– Gostou?

Letícia volta-se para ele e o beija na boca – Obrigada amor!

– E você gostou filho?

– Eu preferiria um Kandinsky, mas este está bastante razoável.

– Lutero, um Kandinsky custa entre quinze e vinte milhões de dólares – afirma Jardel afastando-se um pouco de Letícia e afrouxando o nó da gravata.

Monteiro sorri para si mesmo.

– Uma pechincha! Tem um Rembrandt de cinquenta milhões, o “Cristo na Tempestade no Mar da Galiléia”, roubado do museu de Boston em 1990.

Jardel senta-se ao lado dele cruzando as pernas.

– Quer dizer que você vai investir em obras de arte?

Monteiro fecha a escada que usou para colocar o quadro na parede.

– Na Holanda, após vinte anos, você pode revender um quadro roubado de um pintor famoso sem ser preso.

– Está vendo o que esse garoto anda metendo na cabeça?

– Parece um bom negócio – afirma o pai com sua voz charmosa e inconfundível.

– Jardel! – reprova Letícia.

Monteiro ri enquanto dobra a escada que usou para a gratificante tarefa.

– Mas estão usando nanotecnologia para marcar telas – avisa Jardel. Ficaré difícil negociar quadro roubado.

– Que pena! É a segunda atividade ilícita mais lucrativa do mundo.

– Monteiro? – clama Letícia batendo a mão na coxa. Pode uma coisa destas?!

Monteiro pende a escada para levá-la – Com licença, senhora.

– Ah! – reclama Letícia dando um passo na direção do marido e do filho. Ele não quer se comprometer.

– No que faz muito bem – aprova Jardel gesticulando como se regesse uma orquestra. Por isso que está comigo há tantos anos.

Escutam a campainha.

Jardel acessa o canal do circuito interno de tevê.

Lucas está à porta.

– Pai, não fica zangado. Fui eu que chamei o tio para uma disputa virtual.

– Vou subir – comunica, pondo-se em pé e chamando por Monteiro, que atende de imediato.

– Senhor?

– Meu banho está pronto?

– Sim guardião. Vou só verificar a temperatura da água.

Jardel olha para Letícia.

– Avise o seu irmão que não é para acampar aqui.

Jardel segue Monteiro subindo as escadas rumo ao segundo andar.

Manfred vem checar se a entrada de Lucas está autorizada.

Segundos depois o irmão está na sala – Oi Lutero?

– Oi tio?

– Vi o carro do Jardel aí fora – comenta com a irmã que esfrega as mãos uma na outra nervosamente.

– Ele voltou mais cedo hoje.

– Que azar! Ele bem que poderia ter ficado até o final do expediente. Não me dá nenhum beijo sequer? – cobra, abaixando-se e beijando a irmã na face.

– Vê se vai embora antes das vinte e duas.

– Tá certo. Já entendi. Vamos lá, Lutero?

•

Rogatto contempla o entardecer cair sobre a cidade de São Paulo. O sol deixa uma faixa vermelha no horizonte, logo abocanhada por uma faixa maior ainda, amarela com uma franja negra.

As luzes dos postes de iluminação são acionadas automaticamente.

Os carros enfileirados com os faróis vermelhos ligados formam um cordão umbilical vicejante. Mas Rogatto não acendeu a luz de sua sala. Um dos investigadores o encontra envolto na penumbra, pensativo.

– Hei doutor? Tá tudo bem? – pergunta-lhe Tiago, acendendo a luz.

Rogatto se ressentia com a claridade ofuscante.

- Tá sim. Tô só pensando.
- O Jardel não depositou nem sacou um único centavo da conta dele na Suíça – lembra Tiago sorrindo.
- Comprou aquele quadro com o quê?
- Ele declarou que ganhou de um amigo.
- E você acreditou?

Rogatto bate com um lápis sobre o risque-rabisque.

- Tem laranja nesta história.
- Tem uma caixa de fruta inteira, doutor. Só que agora, é melhor o senhor ir para cada esfriar essa cabeça.
- Eu tenho certeza que o motivo da viagem dele foi movimentação financeira – explode Rogatto, não aceitando a sugestão de deixar o assunto de lado.

•

Lutero abre uma gaveta e entrega um punhado de notas de cinquenta e cem reais para Lucas.

- O tio vê se me devolve essa grana logo. De repente, ele se liga que tá faltando.
- Você diz que gastou – justifica. Inventa que comprou um tênis novo, sei lá.

Jardel assiste pelo monitor do circuito interno instalado em sua biblioteca, imagem e áudio.

- O que vai fazer com este dinheiro, tio?
- Um lance aí. Vou recuperar tudo, não esquentar – diz contando o dinheiro.
- Sei. Como da outra vez.
- O culpado é o muquirana do seu pai – alega metendo as notas no bolso detrás da calça.
- Por que não arruma um trampo?

– Teu pai sujou a minha barra. Ninguém me contrata.

Jardel olha para Manfred e Derek.

– É só mandar damos um corretivo nele – prontifica-se Manfred.

– Não o machuquem.

Os dois guarda-costas partem.

•

O movimento de turistas na feirinha ao longo da praia no centro de Fortaleza é intenso. À noite, com o soprar da brisa, é o momento mais propício para as compras, para tomar um sorvete.

André deixa a varanda do apartamento. Vem para a sala e pega a chave do carro que estava sobre a mesinha de centro.

– Vai sair? – pergunta Michele dando de mamar para Vitória.

– Não nasci mulher.

Michele ajeita melhor a criança.

– Estou cansado de ficar enfiado aqui nesse apartamento. A gente se vê mais tarde – avisa batendo a porta com força.

Michele termina de amamentar Vitória e leva-a para o berço.

Está cheia de frustração e incertezas. Controla o choro.

Tão logo a criança adormece, ela mira-se no espelho.

Sente-se feia e desengonçada.

Os braços muito longos e finos.

Os cabelos quebradiços e sem brilho.

O telefone toca. Michele tem um sobressalto.

Felizmente a nenê não acorda.

- Sou eu Michele – identifica-se Serena enquanto outra empregada dos Jésserfer garante a mesa.

Michelle teme revelar para a sogra que seu marido a despreza.

- Você está bem? E a Vitória?

- Está dormindo D. Serena. Não, o André saiu.

•

A mãe de André trabalha para a família Jesséfer há alguns anos. Cilene Jésserfer conta com ela para administrar a casa.

Orgulhosa, ela mostra a foto da neta para a patroa.

– Ela é o meu tesouro, D. Cilene! Eu morro de saudades!

– Eu não viajaria com uma criança nesta idade para o exterior.

– E não é que encontramos o Dr. Jardel!

Awsféber puxa uma cadeira e senta-se.

– Surpresa seria não encontrá-lo. O Herculano sabia da viagem.

– Nosso hotel era muito bom, mas o hotel em que o Dr. Jardel se hospedou é chiquérrimo! – exclama Serena colocando o salmão grelhado à mesa.

– Ele sempre se hospeda nesse spa em Interlaken – confirma Awsféber.

– Diogo, Diogo? – chama Cilene e os dois adolescentes descem a escada correndo.

Diogo aperta a bochecha de Serena.

– Meu prato predileto! Obrigado!

– Que roupa é essa? Aonde pensa que vai? – pergunta-lhe Awsféber.

Diogo dá uma volta em torno de si mesmo.

– Que tal? Vamos à festa do Ricardo, eu e o Di. O Diego vai tocar lá, né, Di? – olha para o irmão em busca de apoio.

– O Diego vai tocar música clássica na balada?

Diogo ri descaradamente – Se pedirem...

•

André está à entrada da boate há um bom tempo.

Ele vem para o início da fila reclamar com o leão de chácara.

– Moço, a casa tá lotada. Volte para o fim da fila e aguarde.

– Eu sou VIP.

– VIP – desdenha. Dono de que muquifo?

- É melhor você arrumar um lugar para mim ou irá se arrepender.
- Agora é que você não entra de jeito nenhum.
- André pega o homenzarrão pelo colarinho.
- Eu te arrebento!
- O homem não se sente ameaçado por aquele garoto magricelo.
- Seus companheiros de serviço ladeiam-no.
- Algum problema aí?
- É só um mosquito. Eu mesmo espanto. Tira as mãos de mim, seu moleque! – exige, movendo as mãos de André vagarosamente.
- André reage desferindo alguns chutes e socos.
- Os demais clientes que aguardam a vez de entrar se afastam.
- O segurança não levanta do solo. Está morto.

•

Jardel lava o rosto no lavatório de mármore de seu banheiro. Acabou de fazer a barba. São quatro horas da manhã. Às cinco ele está no stand de tiro do clube com Deigles, Awsfêber, Dreyfus, Marcos e Cesário. Quarenta minutos depois os executivos se exercitam na pista de atletismo. Ugo, Felipe, Beto, Murilo, Bira, Evandro, Derek, Manfred, Rogério, Demétrio, Lamartine, Ramsés, Frederico, Nero, Gualtier e Gumercindo também se aquecem com uma corrida. Começa a amanhecer. O treino termina com um pouco de artes marciais. Um banho rápido. Alguns telefonemas. O helicóptero parte para a construtora pousando no heliponto precisamente às sete e trinta.

- Bom dia, Ivone.
- Bom dia, Dr. Jardel.

Ivone passa-lhe a agenda. Jardel corre os olhos nos compromissos

e suspira sentindo-se cansado.

– Tá tudo bem? – pergunta Ivone achando-o abatido.

– Está.

– É bom tomar umas vitaminas – aconselha Deigles. O Dreyfus te ultrapassou três vezes na pista de atletismo hoje.

– Quando eu tinha a idade dele era capaz de deixar o Pernalonga pra trás. D. Ivone mande a Fátima me trazer o café da manhã.

– Sim senhor.

Jardel ruma para sua sala.

– Eu não achei ele com a cara muito boa – confia Ivone.

– Eu também não – admite Deigles. Vou chamar o Frederico.

•

– Olha só essa notícia – anuncia Zulma navegando na internet. Plutão foi rebaixado. Não é mais planeta!

Magda e Ivone se colocam como vespas ao redor dela e do monitor.

– Como ficarão as minhas noções de geografia? – lamenta Zulma.

– Coitado! – solidariza-se Ivone. Virou um mero asteróide.

Ninguém mais está seguro. Até Plutão, quem diria!

– Por que a senhora está tão abalada?! – admira-se Olson chegando repentinamente e vendo Zulma chorar.

– Nada não, Dr. Olson – disfarça Ivone. Sua agenda.

– Obrigado – agradece Olson recebendo a agenda das mãos dela.

O Jardel chegou?

– Veio direto do clube – responde Ivone.

– Ah! Havia me esquecido que hoje é treino.

– Bolinha de gude logo pela manhã? Ele está exausto! – debocha Magda fazendo Olson rir.

Herculano chega aflito.

– Dr. Olson, eu preciso lhe falar. É urgente.

– Sinto muito, mas tenho uma teleconferência com a nossa sede em Amsterdã dentro de cinco minutos. Fale com o Jardel. Venha Cecília. D. Magda localize o Dreyfus, ele também vai participar da teleconferência.

– Estou aqui – anuncia Dreyfus correndo com um sanduíche nas mãos. Oi Herculano? – cumprimenta rapidamente.

– Vai engordar desse jeito – observa Olson antes de encostar a porta.

– Avise o Jardel que eu quero falar com ele – pede Herculano.

– Ele está com o doutor Frederico – informa Zulma. O senhor pode aguardar um pouco?

•

Frederico mede a pressão de Jardel.

– Está alta de novo. O que está acontecendo?

Jardel desdobra a manga da camisa.

– Estou com o Lucas entalado na garganta.

– O que mandou fazer com ele?

Jardel hesita – Muito menos do que ele merece.

•

Escondido atrás de uma moita, Lucas observa uma dona de casa estender as roupas num campo de várzea na frente da casa.

Ele se aproxima do varal e tenta pegar umas peças.

Um garoto vê e dá o alerta.

– Olha lá mãe. Ladrão.

– Pega ladrão! – grita o avô.

Vários homens que disputavam truco passam a correr atrás do homem nu. Por pouco Lucas não é linchado.

Ele escapa trajando apenas uma camisola amarela.

•

Jardel bebe um copo d'água.

Está em pé observando os raios de sol refletidos sobre o rio.

- Meu pai costumava nadar no rio Tietê. Acredita Frederico?

- Faz tempo, hein?!

- Quem poderia imaginar essa poluição toda?

Jardel volta-se e coloca o copo vazio sobre a mesa.

- Por que você não resolve essa situação do Lucas com a Letícia?

- Ele não mudará. E eu não quero discutir com a minha esposa.

- Às vezes é inevitável.

•

- A casa é sua. Eu saio – diz Naira calmamente encerrando a discussão.

Anaximandro observa inerte enquanto ela retira peças do guarda-roupa.

- Vi casal se divorciar porque foi traído, porque ficou enciumado, mas porque a esposa está trabalhando? Francamente, Anaximandro, você vive na Idade Média!

- Pensei... – gagueja nervoso – que você fosse pedir um tempo. Pedir para trocar de horário. Pedir férias. Eu não significo nada para você mesmo!

O celular dela toca. Ela espreme-o entre o ombro e ouvido.

Naira descarta uma blusa sobre a cama.

- Vamos entrar em edição extraordinária. Venho buscar tudo depois do noticiário do meio-dia.

Anaximandro sente-se arrasado.

Lembra-se de como a conheceu.

Ele tinha ido retirar uma encomenda no correio para o Dr. Olson e apressado bateu com a motocicleta na traseira do carro dela. Ele todo atrapalhado. Ela cheia de razão.

Lembra-se de como se apaixonou perdidamente.

De ter se sentido correspondido.
Do casamento. Da lua de mel no Caribe.
Vem até o rack e toma nas mãos uma foto dele e da esposa sorridentes.
Ela está na garupa da moto.

•

Herculano finalmente conseguiu falar com Jardel.
Teve de aguardar a pressão do diretor se normalizar.
Quase quarenta minutos.
Outros dez minutos porque Jardel recebeu algumas chamadas internacionais.
O diretor de patrimônio da Petra é um homem muito requisitado.
Apesar disto, Jardel tem uma qualidade admirável: ele nunca está ocupado demais para atender quem quer que seja.
Jardel fita Herculano pasmo – O que foi que disse?
– O segurança morreu. O meu filho foi preso em flagrante.
Jardel digere a notícia.
– Ele sabe muito bem que não deve usar o que aprendeu fora dos limites estabelecidos.
– Ele perdeu a cabeça – justifica o pai.
Jardel traz o tronco mais a frente.
– E se perguntarem onde ele treinou? Aliás, o que ele estava fazendo sozinho numa boate? Isso não é local apropriado para quem pretenda crescer na organização.
– Ele é jovem.
– Ultimamente ele só faz merda, Herculano!
– Não está suportando o casamento – confessa-lhe.
– Ele me disse que tudo estava indo às mil maravilhas. Você também me disse.
– Achei que eles fossem se entender.

Está chovendo forte lá fora. A chuva lava a vidraça.

Jardel movimenta-se levemente com a cadeira giratória.

– O senhor vai ajudá-lo?

– Com uma condição: a punição de praxe para quem viola as regras.

O interfone soa com a voz aflita de Ivone.

– Dr. Jardel? O Anaximandro sofreu um grave acidente de moto.

– A bruxa está solta hoje? – pergunta Jardel para ninguém em particular pressionando o botão do interfone. Quando foi isso?

– Cerca de meia hora.

– Sei... – suspira fundo. Que hospital ele está?

– Ele foi levado para as Clínicas.

– Mande o Marcos para lá e depois me dê notícias.

– Sim senhor.

– Defenderei meu filho, por mais leal que eu seja a você.

– Herculano, ele não pode sair por aí aplicando torções em quem encontra pelo caminho. Não dá para relevar. Sinto muito.

Herculano se ergue pesaroso.

– Com sua licença, senhor.

Assim que ele sai Jardel aciona seu outro canal de comunicação.

– Deigles venha até aqui. Temos um problema de indisciplina que exigirá uns ajustes.

•

– Batalhão, direita volver! Em frente! Marche!

Régis passa pelo batalhão que se exercita.

Soldados lhe prestam continência em todo o percurso.

– Tenente-coronel, sua filha telefonou novamente – avisa o ajudante de ordens ajeitando-lhe a correspondência.

– Obrigado. Mais alguma coisa?

– Um avião da Gol desapareceu em Mato Grosso do Sul. Um

Legacy que pousou há pouco na Serra do Cachimbo colidiu com a aeronave. O Presidente da República aguarda detalhes para fazer um pronunciamento.

Régis fica pensativo passando a mão pelo queixo.

– E os ocupantes do learjet estão ilesos?! – pergunta Régis surpreso.

•

Lucas finalmente conseguiu voltar para São Paulo.

O ônibus procedente de Votuporanga acaba de atracar na plataforma.

Para juntar o dinheiro necessário para a passagem ele teve que ficar fazendo malabarismo de rua num farol, o dia todo.

Isto depois de conseguir roubar uma calça jeans e uma camiseta livrando-se daquela camisola ridícula.

Manfred e Derek deixaram-no a centenas quilômetros da capital, sem documentos, sem dinheiro e sem roupas.

Literalmente no meio do nada.

O movimento na Rodoviária do Tietê, as estruturas iluminadas, os anúncios dos alto-falantes e aquele vaivém de pessoas conversando é a cena mais reconfortante do dia.

•

A fina garoa que cair em Fortaleza não afasta os aficionados pelo surfe.

André está adorando essa nova modalidade de esporte e continua pegando onda até anoitecer.

Para numa barraca para pedir uma cerveja.

Duas jovens flertam com ele.

Ele sorri de volta, mas acha melhor voltar para casa.

Se bem que encontrará Michele reclamando da vida e de ter de cuidar da filha.

Cumprimenta o porteiro do prédio. Lava os pés para remover o excesso de areia. Veste a camisa e pega o elevador de serviço.

– Oi Michele? O que tem para jantar? Estou com fome? – pergunta tão logo vai entrando no apartamento.

Fica perplexo ao ver Jardel no sofá à sua espera, mas não se intimida.

– Não estávamos esperando visitas – fala secamente.

Michele surge da cozinha usando um avental.

– A comida está quase pronta. Por que não toma um banho?

– Certo – aceita a sugestão, passando por Jardel que apenas acompanha seus movimentos com o olhar.

– O senhor gosta de bife bem passado? – pergunta Michele.

– Sim.

– Só tem isso e uma salada.

Michele volta para a cozinha. Termina de grelhar os bifés e cortar o tomate. Tempera a salada e traz a travessa para a mesa.

Jardel não está mais na sala.

Avançando silenciosamente pelo corredor Jardel depara-se com André saindo do banheiro, uma toalha enrolada na cintura.

– O que o senhor está fazendo na minha casa?

– No meu apartamento, que ainda não foi passado definitivamente para o seu nome? – diz a fim de lembrá-lo que lhe deve favores.

– Veio de tão longe para jogar isso na minha cara?

– Estou sentindo o cheiro de álcool daqui.

– Foi só uma cerveja. Vê se não enche!

Michele aparece no corredor.

– Ah! O senhor sumiu! Pensei que tivesse ido ver a Vitória.

– É uma ótima ideia! Enquanto isto, seu marido veste algo mais confortável que a própria pele – frisa Jardel medindo André.

A bebê ressona suavemente.

– Não é à toa, que o Herculano e a Serena não vêm a hora de vir

para cá. Ela cresceu bastante!

– Eu ainda não acredito que sou mãe!

Pouco depois o casal janta com o diretor patrimonial da Petra.

– E seus guarda-costas? – questiona André.

– Foram buscar umas coisas que eu estou precisando.

André toma um gole de suco imaginando do que se trata.

– Vocês acreditam que eu saí correndo? Nem peguei escova de dente – inventa Jardel. Seu pai virá para casa hoje Michele?

– Acho que não. Ainda tá enrolado com o acidente da Gol.

– Resgataram todos os corpos, exceto um, pelo que sei.

– Uma chuva de corpos sobre a mata fechada.

Michele estranha o tom de voz de André carregado de sarcasmo.

Jardel não perde a classe.

– Não diria isto se um parente seu ou amigo estivesse entre as vítimas.

Michele nota Jardel acariciando com o polegar.

O bonito anel que ostenta na mão direita parece hipnotizar André.

– Foi um comentário infeliz – recua o rapaz.

– O senhor não gostou da comida? – pergunta Michele vendo Jardel cruzar os talheres.

– Eu como pouco a esta hora.

– Espero que o André chegue a sua idade com esse corpo.

– Se ele continuar surfando cerca de cinco horas por dia chegará.

– O que o senhor tem haver com isto? Não manda na minha vida.

Já chega ter me forçado a casar com essa depressiva.

Dizendo isto André deixa a mesa. Michele sente-se encabulada.

– Com sua licença Michele? – pede Jardel.

Jardel segue André até seu quarto. Ele está se preparando para sair, calçando os sapatos, sentado na cama do casal.

O diretor encosta a porta para garantir a privacidade.

CAPÍTULO I - INCUSO

– Não irá a lugar algum. Temos que conversar.

André se coloca em pé. É cerca de dez centímetros mais alto que Jardel. Mede-o com desdém.

– Você não é páreo para mim. Sai da minha frente Jardel!

– Tente – retruca Jardel sem alterar o tom moderado da voz.

André reflete por um instante.

– Seria covardia bater num homem que tem idade pra ser meu avô.

– Ainda bem que tem um mínimo de juízo.

André se aproxima ainda mais.

– Não banque o besta que eu conto para o pai dela sobre a seita.

– Se estivesse no seu lugar jamais diria algo parecido.

– Sei que devemos muito a você. Mas eu não sou seu escravo.

– O que aconteceu na boate?

– O sujeito me provocou.

– Está tomando anabolizantes?

André empurra Jardel para o lado e ultrapassa-o.

Jardel vem em seu encalço. Retornam à sala.

André passa por Michele e abre a porta do apartamento dando de cara com Dreyfus, Evandro e Dalcídio.

– Aí cara, quanto tempo? – saúda-o Dreyfus dando-lhe um safanão, colocando um dos braços em torno do pescoço dele e fazendo-o dar meia-volta rumo à sala. Nem me convida para entrar?

– Achei que ficaria feliz em rever seus amigos – coloca Jardel cinicamente. Por que vocês não vão dar uma volta, enquanto eu converso com a Michele?

– Pode deixar Jardel, que estou louco para conhecer os pontos turísticos mais badalados de Fortaleza – responde Dreyfus, ainda mantendo André sob a chave de braço.

Evandro ri. Dalcídio permanece sério, pronto para esmigalhar os

ossos de André ao menor indício de resistência.

– Ouvi dizer que a vida noturna daqui é muito agitada – conclui Dreyfus. A gente vai se divertir um bocado! Não é mesmo, André?

•

Simone faz um relaxante passeio de boia na Corrente Encantada Beto se diverte com os filhos, Sirlei e Erick, na Arca de Nóe.

Aurélio, Breno, Lutero, Diogo e Diego optam por um toboágua mais radical: a torre de onze metros do Kalafrio.

Quem terá coragem de escorregar no Insano, o maior toboágua do mundo com quarenta e um metros de queda livre?

Várias pessoas descem aos berros, o que torna o desafio ainda mais emocionante.

Todos vieram no avião de Jardel.

Beto e Simone ficaram com a incumbência de levar as crianças ao parque aquático.

Por pouco o sonho de conhecer o Beach Park quase se transforma num pesadelo quando Sirlei se assusta no Zump Tchibum.

Simone recrimina o marido por ter levado a filha ao toboágua de alta velocidade.

Beto mantém a calma.

Hora de reunir a garotada para um lanche.

•

Jardel termina o café e deposita a xícara sobre a bandeja.

– Quanto tempo ficará em Fortaleza Dr. Jardel? – perguntar Leila.

– Até segunda.

– Meu sogro não conseguiu embarcar. Disse que está há três dias no aeroporto – comenta Michele intrigada.

– Eu vim no meu avião particular.

– Ah! Claro! Desculpa aí! – corrige a jovem.